

Política e a língua inglesa

George Orwell

Tradução de Desidério Murcho

No nosso tempo, o discurso e a escrita política são em grande medida a defesa do indefensável. [...] Assim, a linguagem política tem de consistir em grande medida em eufemismo, petição de princípio e pura vagueza nublada. Povoações indefesas são bombardeadas por aviões, os habitantes expulsos para o campo, o gado varrido a metralhadora, as cabanas postas a arder com balas incendiárias: a isto chama-se *pacificação*. Rouba-se as quintas a milhões de camponeses que são obrigados a caminhar penosamente pelas estradas com não mais do que conseguem carregar: a isto chama-se *transferência da população* ou *rectificação das fronteiras*. As pessoas são presas durante anos sem julgamento, ou levam tiros na nuca, ou são enviadas para morrer de escorbuto em explorações florestais no Ártico: a isto chama-se *eliminação de elementos instáveis*. Esta fraseologia é necessária quando se quer dar nome às coisas sem chamar as imagens mentais que lhe correspondem. Considere-se, por exemplo, um confortável professor inglês que defende o totalitarismo russo. Ele não pode dizer directamente «Defendo que se deve matar os oponentes quando se consegue com isso bons resultados». Logo, dirá provavelmente algo do seguinte género:

«Apesar de conceder de bom grado que o regime soviético exhibe certas características que o humanitário pode sentir-se inclinado a deplorar, temos, penso, de concordar que uma certa limitação do direito a fazer oposição política é um concomitante inevitável de períodos de transição, e que os rigores que o povo russo foi chamado a suportar foram amplamente justificados na esfera do que concretamente se alcançou.»

O próprio estilo inflamado é uma espécie de eufemismo. Uma massa de palavras latinas desce sobre os factos como neve macia, confundindo os contornos e apagando os pormenores. O grande inimigo da linguagem clara é a insinceridade. Quando há um hiato entre os nossos verdadeiros objectivos e os objectivos declarados, voltamo-nos como que instintivamente para as palavras longas e para as expressões gastas, como um choco a largar tinta. [...]

[...]

Se simplificarmos a língua, libertamo-nos das piores tolices da ortodoxia. Não seremos capazes de falar os dialectos necessários, e quando fizermos um comentário estúpido a sua estupidez será óbvia, até para nós próprios. A linguagem política — e com algumas variações isto aplica-se a todos os partidos políticos, dos conservadores aos anarquistas — foi concebida para fazer as mentiras parecer verdades e o assassinio respeitável, e para dar uma aparência de solidez ao puro vento.

Interpretação

1. Por que razão pensa o autor que «o discurso e a política são em grande medida a defesa do indefensável»?
2. Que exemplos de eufemismos são apresentados pelo autor?
3. Por que razão, segundo o autor, se recorre a eufemismos na linguagem política?
4. Qual é o grande inimigo da linguagem clara, segundo o autor? Porquê?
5. Por que razão pensa o autor que «se simplificarmos a língua, libertamo-nos das piores tolices da ortodoxia»?
6. A linguagem política, segundo o autor, foi concebida para quê?

Discussão

7. Haverá uma conexão entre a linguagem obscura e a manipulação política? Porquê?